



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Da Rua para as Universidades: Por uma epistemologia do empoderamento!
<b>Autor</b>	DIOGO RAUL ZANINI
<b>Orientador</b>	LEANDRO RAIZER

## **Da Rua para as Universidades: Por uma epistemologia do empoderamento!**

Autor: Diogo Raul Zanini

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Leandro Raizer

Instituição: UFRGS

Este trabalho, é fruto do esforço de uma pesquisa, que visa problematizar como se dão os processos de formação e transmissão de conhecimento entre jovens, a partir dos diversos espaços onde a cultura Hip Hop se realiza e por onde os ativistas do movimento circulam em busca de formação e conhecimento (universitário entre outros). O movimento Hip Hop surge nos EUA nos anos 1970 em bairros de periferia negra com forte imigração afro-caribenha na cidade de Nova York. Nesse sentido o Hip Hop surge como um movimento que possui uma característica diaspórica. Neste encontro entre negros estadunidenses e caribenhos o rapper Afrika Bambataa deu início ao surgimento dos quatro elementos da cultura Hip Hop, a saber: O/a MC, Dj, Bboy, ou Bgirl, e o grafite se apresentam de formas distintas, e se uniram para formar o que veio a ser o Hip Hop na forma como entendemos hoje.

A proposta metodológica desta pesquisa tem foco além da bibliografia atual sobre etnografia, projeto de vida, trajetória e descrição densa, a tese de doutorado do professor da FAE/UFMG Juarez Dayrell. Em sua tese Dayrell (2005) acompanha jovens rappers e funkeiros em suas jornadas no que se refere a trabalho, escola e movimentos culturais. O método consiste basicamente em acompanhar os protagonistas desse trabalho nas oficinas, nos eventos de rua, nas instituições, e a revisão bibliográfica pertinente ao tema. Essa metodologia visa perceber a manifestação do Quinto elemento, que nos termos de Gilroy (2001) poderíamos relacionar com pedagogia, afirmação e diferença.

Em linhas gerais essa pesquisa aponta para a importância do pertencimento étnico racial e da condição social vivenciada por jovens negros, moradores de bairros periféricos das grandes e médias cidades brasileiras. Esse pertencimento a uma mundo afro centrado e fluído traz elementos significativos para inserção ao movimento e cultura Hip Hop. Se num primeiro momento a aproximação se dá através do gosto pela música, pela dança, pelos grafites que colorem muros e paredes, em um segundo momento há uma aproximação mais construtiva dos quatro elementos, aonde o jovem vai refletindo sua condição de si e no mundo social a partir do Hip Hop.

Por outro lado, quando buscamos compreender a inserção destes jovens do Hip Hop no ensino superior, nos deparamos com uma complexa estrutura desigual, que desafia esses jovens a permanecerem na universidade. Neste sentido precisamos pensar o Brasil reconhecendo e refletindo as desigualdades sociais e raciais historicamente estabelecidas pelo Estado brasileiro. Assim as práticas sociais podem ser vistas com a leitura de Bordieu sobre teorias disposicionais, sobre como indivíduos e coletivos desfavorecidos historicamente constroem estratégias de empoderamento culminando com a entrada em espaços até então fechados para a maior parte da população brasileira, pobre e negra, com pouco capital cultural, e de agência sobre seus destinos, mas cujas trajetórias têm sido transformadas em exercícios de lutas cotidianas. É caso de ativistas do movimento Hip Hop que conseguiram ingressar na universidade e se valem de suas posições artísticas e culturais para se manterem no ensino superior. Um exercício produtivo para essa pesquisa passa por acompanhar esses ativistas, trazendo suas trajetórias, seus projetos e seus cotidianos no campo universitário e para além deste.